

## JOHN LOCKE: ENTRE O PROBLEMA DA IDENTIDADE E O DA INDIVIDUAÇÃO\*

JOHN LOCKE: BETWEEN THE PROBLEM OF IDENTITY AND THAT OF INDIVIDUATION

Antônio Carlos Dos Santos\*\*

Daniel Soares Silveira\*\*\*

### RESUMO

Na segunda edição do *Ensaio sobre o entendimento humano*, John Locke (1632-1704) acrescenta o capítulo “Da identidade e da diversidade”, capítulo 27 do livro II. Esse novo capítulo foi escrito a pedido de William Molyneux (1656-1698) que solicitou a Locke abordar mais detalhadamente o princípio de individuação. No entanto, o filósofo inglês trata apenas brevemente do princípio de individuação, focando seus esforços em desenvolver sua teoria geral da identidade. Apesar desses dois princípios estarem fortemente relacionados na teoria lockiana, há uma diferença fundamental entre eles: enquanto a individuação segue um princípio único para todos os seres, a saber, a própria existência; a identidade é relativa, isto é, depende da espécie de coisa à qual é aplicada (corpo, ser vivo, pessoa). Visando a compreender melhor esse importante tópico da filosofia lockiana, este artigo pretende distinguir a teoria geral da identidade e o princípio de individuação.

**PALAVRAS-CHAVE:** John Locke; teoria da individuação; identidade.

### ABSTRACT

In the second edition of the *Essay Concerning Human Understanding*, John Locke (1632-1704) added the chapter "Of Identity and Diversity", chapter 27 of Book II. This new chapter was written at the request of William Molyneux (1656-1698), who asked Locke to discuss the principle of individuation in more detail. However, the English philosopher only deals briefly with the principle of individuation, focussing his efforts on developing his general theory of identity. Although these two principles are strongly related in Lockian theory, there is a fundamental difference between them: while individuation follows a single principle for all beings, namely existence itself; identity is relative, that is, it depends on the kind of thing to which it is applied (body, living being, person). In order to better understand this important topic in Lockean philosophy, this article aims to distinguish between the general theory of identity and the principle of individuation.

**KEYWORDS:** John Locke; theory of individuation; identity.

---

\* Artigo recebido em 09/07/2023 e aprovado para publicação em 13/11/2023.

\*\* Professor do Departamento de Filosofia da UFS (CNPq). Membro do corpo permanente do Mestrado Profissional em Prestação Jurisdicional e Direitos Humanos da UFT/ESMAT. Email: acsantos12@uol.com.br.

\*\*\* Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação da UFS e Professor da rede pública de Alagoas. Email: daniel.ss777@hotmail.com.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A segunda edição do *Ensaio sobre o entendimento humano* (1694) de John Locke (1632-1704) possui duas importantes modificações em relação à primeira edição publicada em 1689, mas datada de 1690. A primeira delas, a significativa alteração no capítulo 21 do livro II, “Do poder”; a segunda, é o acréscimo do capítulo 27 do livro II, “Da identidade e da diversidade”. Este último foi escrito como resposta ao pedido feito em carta por seu amigo e interlocutor William Molyneux (1656-1698), que solicitou a Locke que abordasse mais detalhadamente sobre as verdades eternas e o princípio de individuação. Contudo, seguindo a tendência de sua época, o filósofo inglês escreve um capítulo voltado mais ao problema da identidade do que ao princípio de individuação<sup>1</sup>.

*Grosso modo*, podemos afirmar que o princípio de individuação trata das condições metafísicas que fazem com que uma coisa seja algo individual, distinta dos demais objetos. Já a identidade diacrônica aborda as condições para que determinado objeto permaneça o mesmo ao longo do tempo. Nesse texto, Locke aborda a identidade e a individuação como questões fortemente relacionadas, mas há uma diferença fundamental: enquanto o autor do *Ensaio* formula um único princípio de individuação para todos os seres, isto é, à própria existência, ele defende que a identidade é relativa, ou seja, depende daquilo à qual é aplicada.

Para compreendermos melhor esse importante tópico da filosofia lockiana, apresentaremos a sua teoria geral da identidade e individuação, bem como da identidade dos corpos materiais e dos seres vivos. Por meio deste texto, pretendemos oferecer uma introdução ao problema da identidade em Locke<sup>2</sup>.

## 1 INDIVIDUAÇÃO E A TEORIA GERAL DA IDENTIDADE

No livro I, do *Ensaio*, Locke apresenta uma longa e contundente crítica à existência de princípios especulativos e práticos inatos, seu objetivo então era refutar as teorias inatistas, as quais possuíam muito prestígio na Inglaterra em sua época. Ao contrapor-se a existência de

---

<sup>1</sup> Além disso, frequentemente as discussões sobre individuação e identidade eram tratadas como sendo a mesma coisa, como é o caso em Thomas Hobbes (1588-1679).

<sup>2</sup> De modo geral, os artigos que abordam o capítulo “Da identidade e da diversidade” se dedicam prioritariamente ao problema da identidade pessoal, apresentando a teoria geral da identidade apenas como uma introdução à identidade pessoal. Neste texto, limitamo-nos às primeiras questões que Locke discute sobre a identidade no referido capítulo.

princípios inatos, o filósofo inglês abre caminho para uma nova maneira de se pensar a origem do conhecimento humano. No livro II, o autor do *Ensaio* apresenta sua teoria das ideias, argumentando que obteríamos todas as nossas ideias por meio da experiência<sup>3</sup>. Além de indicar o modo como adquirimos nossas ideias, Locke propõe uma classificação dessas ideias. Segundo o filósofo, as ideias se dividiriam em simples e complexas. As ideias simples têm por característica serem indivisíveis, não poderem ser criadas nem destruídas pela mente, e todas as outras ideias são derivadas delas. Além disso, o entendimento humano é passivo no processo de obter as ideias simples. No que diz respeito às ideias complexas, nelas há uma atividade do entendimento, seja pelos atos de compor, comparar ou abstrair. O autor do *Ensaio* as subdivide em ideias de substâncias (singulares e coletivas), ideias de modos (simples e mistos) e ideais de relações.

A ideia de relação é formada quando consideramos conjuntamente duas ideias, sejam elas simples ou complexas e, por meio dessa comparação, formamos uma nova ideia. De acordo com Locke, as ideias de relações são criações da mente humana e não são qualidades que existem nas coisas mesmas. Outra importante característica das ideias de relação é serem adequadas, pois são criações do entendimento humano e por isso são da maneira como são concebidas e anexadas a um determinado nome, dito isso, desde que a mesma ideia esteja vinculada ao mesmo nome, ela permanece adequada<sup>4</sup>. Ademais, Locke afirma haver tantas relações quanto existem comparações possíveis.

Dois tipos de relações muito importantes na teoria lockiana das ideias são as de identidade e diversidade. Sobre a identidade, diz-nos Locke, no começo do capítulo 27 do livro II, denominado “Da identidade e da diversidade”:

---

<sup>3</sup>Concernente a origem das ideias, Locke diz-nos, já no início do livro II, que a fonte de todas as nossas ideias é a – experiência. Ela é o fundamento de todo o nosso conhecimento: segundo Locke, é por meio da experiência que nosso entendimento é suprido de todo o seu material de pensamento (*Ensaio*, II, I, § 2). São duas as fontes pelas quais a experiência nos fornece essa matéria: 1º Sensação, é a maior fonte das nossas ideias e depende totalmente dos sentidos, sendo por ele comunicada ao entendimento. 2º Reflexão, fornece-nos ideias que não poderiam vir das coisas exteriores, podendo ser chamada de “sentido interno” por nos fornecer ideias quando o entendimento reflete sobre as suas próprias operações. O termo operações é empregado por Locke num sentido lato, não apenas para designar as ações da mente sobre as ideias, mas também os tipos de paixões gerados por nossas ideias e pensamentos (*Ensaio*, II, I, § 4).

<sup>4</sup> Sobre as ideias de modos e relações, Locke observa que: “[...] ideias complexas de modos e relações são originais, arquétipos, não cópias de um parâmetro realmente existente em relação ao qual a mente pudesse pretender exata conformidade e correspondência. Ora, sendo reunidas pela mente, e contendo cada uma delas em si mesma precisamente tudo aquilo que a mente pretende que contenham, essas coleções de ideias simples são arquétipos, essências de modos que podem existir; e, designadas apenas para modos, aos quais unicamente cabem, sua existência é exatamente conforme às ideias complexas de modos. Ideias de modos e relações só podem ser, portanto, adequadas” (*Ensaio*, II, XXXI, § 14).

Uma outra ocasião para que a mente compare é a existência mesma das coisas. Consideramos que uma coisa existe em tempo e em lugar determinados, e a comparamos a si mesma existindo num outro tempo, formando, assim, *ideias de identidade e diversidade*. Se vemos que uma coisa, não importa qual seja, está num lugar, num instante do tempo, temos certeza de que, ela mesma está ali, e não uma outra coisa, que existe num outro lugar ao mesmo tempo, por mais que esta seja, em outros respeito, igual a ela e dela indiscernível. E nisto consiste *identidade*: quando as ideias às quais é atribuída não variam do que eram, no momento em que consideramos sua existência prévia, à qual comparamos à presente (*Ensaio*, II, XXVII, §1).

Como podemos observar na passagem acima, Locke argumenta que a mente forma suas ideias de identidade e diversidade pela comparação do mesmo objeto em diferentes momentos do tempo. Assim, a mente se debruça sobre o próprio ser das coisas (*the very being to things*) e por meio da comparação dessa coisa consigo mesma em diferentes pontos do tempo extrai suas ideias complexas relacionais de identidade e diversidade. Além disso, a identidade não seria extraída da essência mesma da coisa, já que, para Locke, não somos capazes de conhecer as menores partículas que compõem as substâncias. Contudo, mesmo não sendo capazes de conhecer a essência real das substâncias, não teríamos dúvidas em relação a existência mesma de terminado objeto em um momento particular nem duvidaríamos que é ele mesmo no espaço e lugar em que o consideramos. Nesse instante, defende o autor do *Ensaio*, quando consideramos um objeto em um lugar e momento determinados, possuímos certeza que é o mesmo objeto e não outro, que existe em um lugar diferente, mesmo que sejam idênticos<sup>5</sup>. Locke parece considerar que temos uma intuição que um objeto é ele mesmo, ao considerarmos tal objeto em um instante do tempo em um determinado lugar. Dito isso, não haveria dúvidas que é ele mesmo nesse instante determinado, essa certeza parece depender, na teoria lockiana, do próprio modo como funciona nosso entendimento e, possivelmente, da própria natureza das coisas.

Podemos resumir a definição de identidade apresentada por Locke da seguinte forma: quando a ideia que possuímos de um objeto no presente momento não é diferente da ideia que possuímos de sua existência prévia, então estamos diante de uma mesma coisa. Sobre o princípio de individuação, seja qual for o objeto, é ele mesmo não importando o tempo e lugar que esteja e nem mesmo as transformações pelas quais passou, já que no momento presente não nos preocupamos com sua história, com sua permanência no tempo, mas apenas com a sua

---

<sup>5</sup> “Sua real visão, então, parece ser que a identidade e diversidade de coisas em um tempo particular não são problemáticas, e que é apenas onde as coisas persistem ao longo do tempo que a identidade se torna controversa o suficiente para surgir algum problema ou necessitar de uma análise detalhada” (Mackie, 2005, p. 140).

existência atual. Entretanto, o que Locke põe em evidência é o problema da identidade diacrônica, sendo mais específicos, é evidente para Locke que uma coisa é ela mesma quando é considerada e isso não constitui nenhum tipo de problema na concepção do filósofo inglês. Contudo, consideramos os objetos em momentos diferentes, além disso, notamos que muitos deles são bastante parecidos. Essa consideração de um mesmo objeto em tempos diferentes nos dá ocasião para refletirmos sobre a sua existência continuada. Se a ideia que possuímos desse objeto se modificou ao longo do tempo, consideramos que cessou sua existência e, agora, possuímos a ideia de outro objeto.

Locke argumenta que não podemos conceber duas coisas do mesmo tipo (*things of the same kind*), isto é, de mesma substância, existindo conjuntamente no mesmo tempo e no mesmo lugar. Assim, nós concluiríamos “corretamente” que uma coisa exclui outra coisa do mesmo tipo do espaço e tempo nos quais existe atualmente<sup>6</sup>. Neste ponto, não obstante Locke defender que não possuímos ideias claras e distintas de substância, o filósofo inglês considera que duas coisas de mesma substância não podem ocupar o mesmo lugar ao mesmo tempo, no entanto, esse conhecimento não parece ser positivo, pois saberíamos disso não por conhecer a natureza das substâncias, mas sim por não conseguirmos conceber tal coisa, por ela contradizer nossa experiência e destruir nossas noções de identidade e diversidade.

Sempre consideramos uma coisa existindo em um tempo e lugar determinados e, como vimos, nesse momento, é certo que essa coisa é ela mesma e não outra. Disso Locke conclui que uma coisa não pode ter dois inícios de existência (*beginnings of existence*) nem duas coisas o mesmo início<sup>7</sup>. Por conseguinte, a coisa que teve um início é a mesma coisa e aquela que teve um diferente é uma outra coisa e, por isso, é diversa. A identidade, tendo isso em vista, é atribuída àquilo que compartilha a mesma história desde seu princípio no tempo e no espaço. Ela mantém a identidade enquanto permaneça existindo ininterruptamente ao longo do tempo.

Essa é a teoria geral da identidade lockiana. O filósofo inglês parece não acreditar que existam grandes dificuldades para se pensar o que constitui a identidade dos objetos para nós: a identidade dependeria da permanência da mesma ideia que possuímos de um objeto em

---

<sup>6</sup> “Constatamos que duas coisas de um mesmo gênero nunca existem num mesmo lugar ao mesmo tempo; concebemos que essa existência é impossível; e concluímos corretamente que aquilo que existe num lugar e num tempo está ali sozinho e exclui tudo do mesmo gênero” (*Ensaio*, II, XXVII, § 1).

<sup>7</sup> “[...] nem uma coisa pode existir em dois lugares ao mesmo tempo, nem duas coisas podem existir num lugar ao mesmo tempo: é tão impossível que duas coisas de um mesmo gênero estejam ou existam exatamente no mesmo lugar, no mesmo instante, quanto que uma e a mesma coisa esteja ou exista em lugares diferentes no mesmo instante” (*Ensaio*, II, XXVII, § 1).

momentos diferentes de sua existência. Então, o que haveria envolvido a questão da identidade em tantos problemas? Levando-a a ser objeto de tantas discussões na tradição filosófica? De acordo com Locke: “Contribuíram para a dificuldade dessa relação a falta de cuidado e de atenção com noções precisas das coisas às quais é atribuída” (*Ensaio*, II, XXVII, § 1). Desse modo, para entendermos a relação de identidade é necessário que tenhamos noções precisas daquilo a que atribuímos essa relação<sup>8</sup>.

Locke afirma que possuímos ideias de três espécies de substâncias<sup>9</sup>: Deus, inteligências finitas/espíritos finitos e corpos materiais. No que diz respeito à identidade de Deus, por Ele não ter princípio, ser eterno, inalterável e estar em todos os lugares, Locke acredita que sua identidade não comporta dúvidas. Assim sendo, Deus é absolutamente o mesmo eternamente. Os espíritos finitos, por outro lado, são sempre determinados pelo tempo e espaço no qual começaram a existir e a relação com o tempo e espaço determina a existência desses seres enquanto existirem. Os corpos materiais, assim como as inteligências finitas, têm sua identidade determinada pelo tempo e espaço nos quais existem, portanto, desde que não sofram acréscimo ou subtração de matéria permanecem os mesmos (*Ensaio*, II, XXVII, § 2).

Consideradas essas três espécies de substâncias, Locke afirma que elas não se excluem mutuamente do mesmo lugar, isto é, Deus, inteligências finitas e corpos materiais podem existir ao mesmo tempo no mesmo lugar<sup>10</sup>. Contudo, apesar das substâncias distintas poderem coexistir no mesmo lugar, objetos de mesma substância, como já observado, não podem existir simultaneamente no mesmo lugar, ou seja, uma substância material exclui necessariamente uma outra substância material do lugar que ocupa atualmente, caso contrário, avalia Locke, nomes

---

<sup>8</sup> Para o autor do *Ensaio* a falta de atenção em relação às ideias e ao modo como elas surgem e se desenvolvem na mente humana parece ser uma constante. Não é de se estranhar que Locke tenha feito sua crítica ao inatismo argumentando que os homens geralmente não prestam suficiente atenção ao modo como suas ideias surgiram em suas mentes e que faltam a eles muitas das ideias que são tidas como inatas. Ou seja, para o autor do *Ensaio*, não raramente existe uma confusão entre os homens, e mesmo entre os filósofos, a respeito de suas ideias derivada da falta de cuidado e de atenção, frequentemente uns aceitando a opinião alheia sem a devida análise e atenção a suas próprias ideias.

<sup>9</sup> É importante ressaltar que Locke não afirma existirem apenas três tipos de substâncias, apenas observa que possuímos ideias de apenas três: “Só temos ideias de três sortes de substância: 1. Deus; 2. Inteligências finitas; 3. Corpos” (*Ensaio*, II, XXVII, § 2). Ora, levando em consideração que Locke acredita que nosso entendimento não pode conhecer todas as coisas (na verdade, poderíamos dizer que ele conhece muito poucas) e que não possuiríamos ideias claras e distintas das substâncias, levando isso em consideração, é possível que existam inúmeras outras, mesmo que nunca cheguemos a ter delas qualquer ideia.

<sup>10</sup> E isso não poderia ser diferente, já que Deus estaria em todos os lugares, caso sua existência excluísse as demais substâncias, não poderia existir nada além dele mesmo.

como identidade e diversidade não significariam nada nem poderia haver distinção de substância<sup>11</sup>. Por conseguinte, reitera o filósofo inglês:

[...] se dois corpos pudessem estar no mesmo lugar ao mesmo tempo, as duas parcelas de matéria seriam uma e a mesma, não importa seu tamanho. E mais: todos os corpos seriam um e o mesmo. Pela mesma razão que duas partículas de matéria poderiam estar no mesmo lugar ao mesmo tempo, poderiam todos os corpos estarem num mesmo lugar ao mesmo tempo: uma suposição ridícula que anula toda distinção entre identidade e diversidade, entre uno e múltiplo. Mas é contraditório que dois ou mais sejam um mesmo, o que mostra que identidade e diversidade são relações e vias de comparação muito bem fundadas e muito úteis para o entendimento (*Ensaio*, II, XXVII, § 2).

Um dos principais objetivos de Locke no parágrafo do qual extraímos a citação acima é mostrar que seria absurdo pensar a coexistência de duas substâncias do mesmo tipo no mesmo lugar. A maneira que o filósofo encontra para isso é reafirmar a contradição dessa suposição, apelando para a experiência e evidenciando os problemas insolúveis que essa possibilidade traria para noções tanto comuns quanto importantes para nosso entendimento, como as ideias de identidade e diversidade. Locke considera que tanto os modos como as relações são determinados, ultimamente, nas substâncias e, por conseguinte, têm sua identidade e diversidade determinadas da mesma maneira que as substâncias (*Ensaio*, II, XXVII, § 2). Apenas as coisas que existem em sucessão (movimento e pensamento) são sempre diversas umas das outras:

É inquestionável, por exemplo, que movimento e pensamento são diversos, pois ambos consistem na contínua sequência de sucessão. Cada uma dessas ações perece no momento em que se inicia, e duas delas não podem existir em lugares e tempos diferentes; seres eternos, ao contrário, podem existir em lugares separados, em tempos diferentes. É impossível, portanto, que seja um mesmo o movimento ou o pensamento cuja existência é considerada em tempos diferentes, pois cada uma de suas partes existe em momentos diferentes (*Ensaio*, II, XXVII, § 2).

Como podemos observar, no início do seu capítulo “Da identidade e da diversidade”, Locke se esforça em estabelecer sua teoria da identidade e da diversidade em ideias de relação resultantes da comparação de determinada coisa consigo mesma em diferentes tempos. Isso porquanto, ao considerarmos uma coisa existindo num dado tempo e lugar não temos dúvidas de que essa coisa é idêntica a si mesma, nesse instante, concebemos esse objeto individuado,

---

<sup>11</sup> Apesar de Locke afirmar recorrentemente que a ideia de substância é obscura e que não podemos dizer nada mais sobre as substâncias além que são como suporte de qualidades, nesse ponto fica evidenciado que ao menos teríamos uma noção clara e distinta das substâncias, quer seja, que substâncias da mesma espécie se excluem e substâncias distintas podem coexistir no mesmo lugar ao mesmo tempo.

ou seja, como uma coisa distinta das outras já que não é possível que dois objetos de mesma substância existam ao mesmo tempo no mesmo lugar.

A partir do que se disse, é fácil descobrir o tão desejado *principium individuationis*: é plenamente a existência mesma que determina toda sorte de ser ao tempo e ao espaço particulares que não se compartilham por dois seres do mesmo gênero. Parece mais fácil conceber esse princípio em substâncias e em modos simples, mas a reflexão mostra que não é mais difícil concebê-lo em modos compostos, desde que seja aplicado com cuidado (*Ensaio*, II, XXVII, § 3).

Locke não parece ver grande dificuldade na compreensão do que seria o *principium individuationis*, o qual ele estabelece como sendo a própria existência (*existence itself*) que, por sua vez, estaria vinculada forçosamente a um tempo e espaço determinados e excluiria a existência de um outro objeto de mesma substância desse tempo e espaço, nos quais o primeiro existe.

Até aqui o principal objetivo de Locke ao se ocupar do tema da identidade parece ser epistemológico, isto é, de como conhecemos a identidade das coisas e até que ponto podemos conhecê-la. É patente que essa preocupação permanecerá e determinará todo o capítulo XXVII do livro II, porém, outros pontos de semelhante interesse surgirão ao longo desse capítulo, como o interesse pelo juízo final e responsabilização dos indivíduos na sua discussão sobre a identidade pessoal. Nesse primeiro momento, Locke procura estabelecer o que é a ideia de identidade e diversidade, diferenciando a identidade da individuação: a noção de identidade exige uma comparação em diferentes momentos do tempo, enquanto a individuação é própria existência da coisa. Ademais, a identidade é relativa, depende da ideia do objeto que está sob consideração; já em relação à individuação Locke estabelece um único princípio, isto é, a própria existência.

## **2 IDENTIDADE NAS MASSAS DE MATÉRIA E NOS SERES VIVOS**

Na continuação de sua argumentação referente à identidade e diversidade, dessa vez em relação às massas de matéria, diz-nos Locke:

[...] suponhamos um átomo, ou um corpo contínuo numa superfície imutável, existindo em tempo e lugar determinados: é evidente que, considerado num instante qualquer de sua existência, ele é, nesse instante, apenas o que é, e nada mais; e, enquanto durar sua existência, será o mesmo, e não um outro (*Ensaio*, II, XXVII, § 3).

Como podemos observar, a mesma regra que se aplica para a individuação do átomo, aplica-se também para a sua permanência como mesmo objeto ao decorrer do tempo, isto é, ser idêntico a ele mesmo, não sofrendo alterações em momentos distintos nos quais é considerado. O mesmo ocorre, segundo Locke, em uma massa formada por um conjunto de átomos:

Pela mesma regra, dois ou mais átomos, embora postos juntos numa mesma massa, permanecem, cada um deles, o mesmo; e, enquanto existirem unidos, a massa, que consiste nos mesmos átomos, será a mesma massa, ou corpo, por mais que mude o agrupamento das partes. A massa, ou o corpo, deixa de ser ela mesma quando se subtrai ou se adiciona um átomo (*Ensaio*, II, XXVII, § 3).

Assim, a regra para um corpo permanecer o mesmo, ou seja, manter sua identidade não se altera em relação à regra para um único átomo continuar sendo o mesmo. Ele apenas precisa continuar sem alterações na sua composição ao longo do tempo. Ademais, as condições para a manutenção da identidade em agrupamentos de átomos não são muito complexas nem implicam em muitas dificuldades, na teoria lockiana, prova disso é a brevidade e a pouca problematização que o filósofo inglês dá a esse ponto de sua teoria da identidade<sup>12</sup>. Já a regra para objetos mais complexos, como criaturas vivas, implica em algo mais do que a simples composição material.

Apesar do tratamento da questão em conjunto de átomos ser bastante simples e direta, a regra apresenta-se um pouco mais complexa quando se trata de seres vivos, porquanto a identidade nos seres vivos não é atribuída apenas à massa de matéria que os forma:

Aqui, a variação de grandes parcelas de matéria não altera a identidade: o carvalho que cresceu e passou de planta a imensa árvore, cujo galho é cortado, permanece o mesmo; o equino que cresce e passa de potro a cavalo, que engorda ou emagrece, permanece o mesmo. Em ambos os casos, pode haver manifesta mudança de suas partes, de tal maneira que não são, em verdade, a mesma massa de matéria, mas continuam sendo a mesma árvore e o mesmo equino. A razão disso é que identidade não se aplica à mesma coisa numa massa de matéria e num corpo vivo (*Ensaio*, II, XXVII, § 3).

---

<sup>12</sup> Mackie observa que Locke admite como sendo a mesma massa/corpo de átomos aquele cujos átomos que o compõem sejam misturados, desde que não haja acréscimo ou decréscimo de átomos. Ao que o comentador coloca a questão se um desses átomos, ou um conjunto deles, fosse retirado e acrescentado posteriormente? Seria esse o mesmo corpo de átomos, na teoria lockiana? Segundo Mackie, apesar de Locke não haver considerado explicitamente essa questão, o filósofo inglês não consideraria esse como sendo o mesmo corpo que o anterior: “não houve uma história contínua de um agregado de átomos unindo as duas ocorrências corporais” (Mackie, 1976, p. 141).

Poderíamos dizer que é da natureza dos seres vivos estarem sujeitos a variação de matéria (ou pelo menos da nossa ideia do que seja um ser vivo), tendo em vista a sua própria formação: iniciam a sua existência como uma estrutura relativamente simples, a qual vai se desenvolvendo e se tornando cada vez mais complexa, adquirindo novos órgãos e partes e até mesmo perdendo alguns desses, até alcançar o seu pleno desenvolvimento na idade adulta, como podemos observar, por exemplo, em um embrião que se desenvolve até chegar em sua perfeita constituição de criatura de determinada espécie. Entretanto, mesmo na sua fase adulta, há grande variação de matéria ao longo do tempo nos seres vivos: um cavalo adulto pode engordar ou emagrecer e, mesmo que não seja muito aparente, sempre está modificando a sua composição corporal e trocando de partículas de matéria. Isso igualmente ocorre com uma planta que, de uma pequena semente pode se tornar uma grande árvore, cujos galhos crescem e se desenvolvem, podendo ser podados ou completamente retirados. Tanto no caso do animal quanto no caso da planta, o ser vivo permanece o mesmo, isto é, continua a ter a mesma identidade a despeito da mudança material.

Contudo, poderíamos nos perguntar se essa noção de identidade, da maneira como é formulada por Locke, não seria contraditória, uma vez que as partículas de matéria que compõem os seres vivos em pontos distintos do tempo não são mais as mesmas, ou pelo menos parte significativa dessas partículas. Se a identidade de uma massa de matéria depende justamente da continuação de suas partículas no decorrer do tempo e, caso alguma dessas partículas seja acrescentada ou removida, a massa de matéria deixa de ser a mesma, perdendo, portanto, a sua identidade, não seria absurdo pensar que o mesmo não ocorreria com uma criatura viva? Tendo em vista que ela própria é formada por um conjunto de partículas organizadas? Ora, como o próprio autor do *Ensaio* observa, a identidade não é aplicada à mesma coisa numa simples massa de matéria e em um corpo vivo. Se considerarmos apenas a matéria que compõe os seres vivos, nesse sentido, eles não mantêm a identidade, enquanto conjunto de matéria, mas são agregados de partículas diversas em tempos diferentes. Numa palavra, o corpo material não é o mesmo, não mantém a identidade, constitui um novo corpo material diferente do primeiro. Porém, um corpo vivo não é apenas um agregado de matéria, possui algo que o diferencia essencialmente desse último.

Considerando essa questão, resta a Locke a seguinte pergunta: em que um corpo vivo, um carvalho por exemplo, diferencia-se de uma massa de matéria? A essa pergunta o autor do *Ensaio* responde:

Ao que me parece, é nisto: se esta é mera coesão de partículas de matéria unidas, não importa como, aquele é uma disposição dessas partículas que constitui partes numa organização predisposta a receber e a distribuir nutrição para continuar a moldar a madeira, os galhos, as folhas etc. de um carvalho – em que consiste vida vegetal. Sendo o carvalho uma planta única, com organização de partes que, num corpo coerente, compartilham uma vida comum, ele continuará a ser a mesma planta enquanto compartilhar da mesma vida, que pode se comunicar a novas partículas de matéria vitalmente unidas à planta vivente, numa mesma organização contínua, em conformidade a essa sorte de planta (*Ensaio*, II, XXVII, § 4).

Assim uma criatura viva é entendida como uma espécie de “organização predisposta a receber e a distribuir nutrição” e por meio desse processo continua o desenvolvimento do ser vivo em questão, conforme a espécie que ele pertence; essa organização, de cada criatura viva, a faz ser uma vida individual, única e distinta de todas as outras, e a sua existência prossegue no tempo, mantendo a identidade, enquanto partilhar da mesma vida. Essa “mesma vida” é transmitida às novas partículas que vão sendo acrescentadas a esse corpo coerente, capaz de receber e substituir partes sem destruir sua organização contínua. É desse modo que o carvalho mantém a sua identidade enquanto mantém a sua vida, mesmo perdendo ou ganhando partículas de matéria.

De modo semelhante, Locke ressalta que no caso dos animais a identidade segue a mesma regra que com as plantas e demais seres vivos. Além disso, o autor do *Ensaio* procura ilustrar a maneira como um animal continua a ser o mesmo por meio do exemplo de um relógio: ele compreende um relógio como “uma organização ou construção de partes predispostas a um certo fim, que, para ser atingido, depende que se adicione suficiente força” (*Ensaio*, II, XXVII, § 5). Esse exemplo poderia se estender a outros mecanismos e máquinas. Esses mecanismos, como no exemplo do relógio, seriam semelhantes aos animais, cujas partes podem ser trocadas ao longo de sua existência sem que deixassem de ser os mesmos objetos: podemos retirar, acrescentar ou substituir molas e engrenagens de um relógio sem que ele deixe de ser o mesmo e perca a sua identidade, assim como os animais ganham e perdem massa e mesmo partes de seus corpos e continuam a ser os mesmos.

Mas são os seres vivos apenas máquinas, não há nenhuma diferença substancial entre eles? A respeito disso, Locke observa que a diferença essencial entre um animal e uma máquina é o fato de, no primeiro, a disposição de suas partes e o movimento se dariam simultaneamente, porquanto o seu movimento vem de dentro. Já no caso das máquinas, a força para o seu funcionamento vem sempre de fora. Por conseguinte, mesmo possuindo uma organização

predisposta para o seu perfeito funcionamento, elas podem carecer de força, uma vez que nas máquinas a força, isto é, o movimento que é transmitido a elas vem de fora<sup>13</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os problemas da identidade e do princípio de individuação estavam fortemente conectados na modernidade, e não raramente a questões sobre a identidade eram abordadas como sendo sobre a individuação. O próprio Locke analisa o princípio de individuação e da identidade conjuntamente. A diferença fundamental que podemos depreender de seu texto sobre a individuação e a identidade é que na primeira há apenas um princípio que torna os objetos coisas individuais, a saber, a própria existência; já a identidade é relativa, depende do tipo de objeto que estamos nos referindo, daí a necessidade de grande atenção à ideia e ao nome desse objeto. As ideias de identidade e diversidade sendo resultantes da comparação de um mesmo objeto em momentos diferentes, se a ideia permanece a mesma, então ele mantém a sua identidade, ou seja, é o mesmo objeto; caso ela mude, ele é outro, portanto, diverso. Nas substâncias e nos modos simples, a identidade é facilmente concebida: um conjunto de átomos para se manter o mesmo basta não haver ganho ou perda de massa. Contudo, nos seres vivos a identidade não é atribuída à mesma coisa que nos corpos simples. Em substâncias ou modos complexos, como os seres vivos, há alteração na sua composição material, nesse caso, enquanto objeto material, o corpo não é mais o mesmo, no entanto, é o mesmo ser vivo desde que compartilhe da mesma vida.

## REFERÊNCIAS

BOEKER, Ruth. **Locke on person and personal identity**. Oxford: Oxford university press, 2021.

LENNON, T. M.; LARIVIÈRE, D. A. A correspondência entre Locke e Molyneux. **Discurso**, São Paulo, n. 31, p. 157-200, 2000.

LOCKE, John. **An Essay concerning Human Understanding**. (Ed. P. Nidditch) Oxford: Clarendon Press, 2011.

---

<sup>13</sup> Essa força que vem de fora nos remete à ideia de poder ou, mais especificamente, de poder passivo. Locke no seu capítulo sobre o poder (capítulo XXI, livro II) argumenta que os corpos somente nos transmitiriam uma ideia imperfeita de poder ativo, a ideia que a interação de corpos nos causaria perfeitamente seria a de poder passivo, tendo em vista que Locke acredita que os corpos apenas comunicam movimento uns aos outros, porém não inicia tal movimento.

LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. Tradução: Pedro Paulo Garrido Pimenta. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MACKIE, J. L. **Problems from Locke**. Oxford: Oxford university press, 1976.

SHERIDAN, Patricia. **Locke: A guide for the perplexed**. New York & London: Continuum, 2010.

THIEL, Udo. **The early modern subject**. New York: Oxford University Press, 2011.